



METROPOLE

SSA-BA

03 ABR 2025

FÁBRICA DE ROBOS

Como fórmula de bolo para lucro de grandes redes, educação fundamental se submete a modelo padronizado, tirando autonomia de professores e formando gerações acríticas preparadas apenas para provas. Págs. 2 e 3



31 de março: Julgamento que tornou Bolsonaro réu mostra que democracia ainda corre riscos no Brasil. Pág. 5



Metropole comemora 25 anos de história e contribuição para o jornalismo baiano. Pág. 6 e 7



James Martins comenta repercussão de denúncia ao vivo sobre abuso sexual: "virei personagem". Pág. 14

Adestra-se alunos

Livros padronizados, professores sem autonomia e foco em provas de vestibular: grandes redes de escolas particulares tornam educação fundamental uma fábrica de robôs

Texto **Laisa Gama e Mariana Bamberg**
redacao@radiometropole.com.br

Fórmulas prontas para responder questões, um checklist de assuntos e temas que devem ser conhecidos e interpretados por todos a partir de determinada visão, pensamentos padronizados e uma única finalidade: ser aprovado em testes. Se o conceito de educação estivesse em uma dessas fichas de resumo que se popularizaram entre os estudantes, seria descrito assim. Ou, entre aqueles que são ainda mais concisos e preferem palavras-chave, não faltariam os termos adestramento, provas e lucro.

Independente do modelo de resumo, o resultado desse cálculo é a formação, a médio e longo prazo, de uma geração de profissionais e principalmente cidadãos adestrados, com dilemas éticos e empobrecimento político e social.

TROCANDO FORMAÇÃO POR FABRICAÇÃO

A formação humanística, que promove o pensamento crítico, compreensão de diferentes perspectivas culturais e históricas, competências éticas, emocionais, políticas e estéticas virou balela, “conversa de acadêmicos”, como sintetizam os empresários do setor. Foi substituída por um modelo fabril de educação. Ao invés de preparar o aluno para a vida, prepara para uma prova - afinal, o que há de mais importante do que um teste? É como se esse novo sistema de educação seguisse o modelo fordista, fabricando produtos (nesse caso os alunos) iguais, em larga escala, seguindo um modelo preestabelecido, que



visa o lucro e não tem compromisso com o futuro. O futuro, na verdade, se resume à promessa de uma carreira de sucesso.

NO FIM DO ARCO-ÍRIS, APENAS CARREIRAS

É fácil perceber isso. Os próprios comerciais e promoções das escolas só levam em conta as aprovações nos vestibulares. Quanto mais concorrido o curso, melhor o garoto-propaganda. Em Salvador, já tem até escola com turma separada apenas para aqueles que desejam se preparar para concorrer a uma vaga em cursos de Medicina. O alvo é uma carreira e não a formação de um cidadão.

marcelo camargo/agencia brasil



**Tem até
escola
com turma
separada só
para quem
desejam
concorrer a
uma vaga
em Medicina**

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Ismael Encarnação, Jairo Costa Jr.,
Laisa Gama, Luanda Costa e Mariana Bamberg**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



De escolas a fábricas

Quem faz essa comparação entre a educação e o modelo fordista é Penildon Silva Filho, vice-reitor da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e doutor em Educação. Ele lembra que, ironicamente, enquanto a educação é modelada por esse sistema adestrador, vivemos a chamada sociedade do conhecimento, mas destaca que conhecimento não é só informação, como esse a formação conteudista faz parecer.

“Há um modelo de educação que a gente chama de bancária, quando você só deposita a informação na cabeça do aluno. Mas conhecimento não é só informação. É concatenar ideias e ter um senso crítico”. O que estamos vivendo é uma formação que negligencia a compreensão sobre a vida, a democracia, a coletividade.

O NEGÓCIO DA EDUCAÇÃO

O vice-reitor não tem dúvida da relação entre esse modelo adestrador e a chegada de grandes grupos empresariais na Educação. Só em Salvador, por exemplo, três tradicionais colégios foram comprados nos últimos anos por uma mesma rede. A Inspira assumiu o São Paulo, o Anchieta e o Portinari. Segunda maior rede de edu-

cação básica do país, o grupo controla 104 escolas e recebeu um investimento de R\$ 1 bilhão de um fundo americano. Um excelente negócio para quem busca lucro.

GOELA ABAIXO

Não por coincidência, esses colégios são alvo de reclamação de pais de alunos sobre a venda de kits didáticos padronizados e uma suposta venda casa de livros com uma plataforma digital. Além de questões financeiras causadas pelo modelo de venda das escolas, os pais apontam a falta de referências regionais nesses materiais, que são os mesmos para o Brasil inteiro.

Jussara Fernandes, mãe de um aluno do Colégio São Paulo - antigo conhecido dos leitores após o Ministério Público da Bahia entrar com uma ação civil pública sobre venda casada - relata a frustração ao perceber que o filho desconhece fatos históricos fundamentais sobre a Bahia. “Transitando pela Avenida Joana Angélica, a gente pergunta: quem foi Joana Angélica? Não sei. Como não sabe, não estudou na escola? Não. Hoje na escola os meninos sabem o que é Halloween, a data, como faz, como não faz, mas desconhecem o dia do folclore”, aponta.



Fórmula de bolo e lucro em vista

Parece uma receita de bolo, crianças todas iguais, que desconhecem as origens e com dificuldades de serem críticos e conscientes da sua própria identidade. A professora e pesquisadora da Ufba Giselly Lima de Moraes, doutora em Educação, alerta para os impactos dessa homogeneização do ensino. “A Base Nacional Comum Curricular deveria ser um guia, não imposição. Mas o que vemos é um ensino que trata a educação em escala industrial, sem conexão com os alunos”, critica.

CASTRAÇÃO DO PROFESSOR

Além da padronização dos materiais didáticos, há outra estratégia para o ensino adestrador: a castração dos professores, que perdem, cada vez mais, autonomia. Presidente do Sindicato dos Professores no Estado da Bahia (Sinpro), Allyson Mustafa vê os professores como outra vítima desse sistema. Em muitas escolas, eles sequer participam da escolha do material didático.

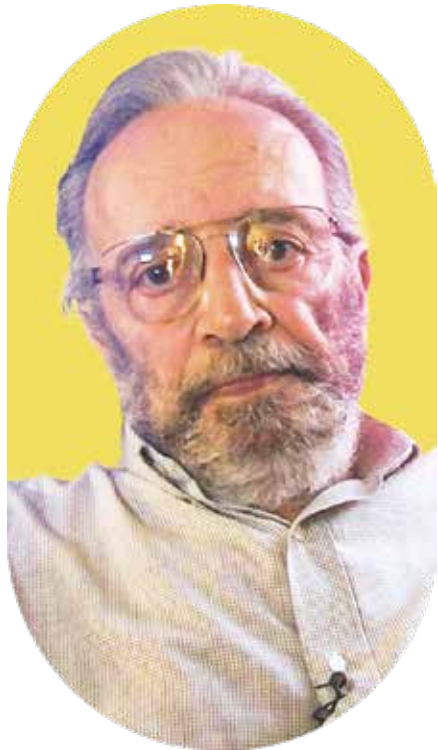
LUCRO À RISCA

Mas buraco é muito embaixo, já que se trata também de relações de trabalho em empresas que levam o lucro à risca. “No estado atual, com o patronal que a gente tem hoje, que dialoga muito pouco e é muito autoritário, o espaço de participação do professor no fazer da escola tem sido reduzido”, criticou Mustafa.

FUTURO PARA ROBÔS

O lucro de hoje é a sociedade de amanhã. Os estudantes formados para uma carreira são os adultos que estarão não só no mercado de trabalho, mas principalmente na coletividade. Não à toa vem se tornando comum casos de médicos preocupados em vender tratamentos sem comprovação científica, engenheiros que dedicam-se apenas a entregar obras independente de seus impactos, advogados com problemas éticos e por aí vai.

Forma-se com esse modelo gerações de robôs adestrados apenas para responder questões. E não se engane com a promessa de carreiras de sucesso, salários exorbitantes. Essa formação gera, como lembra o vice-reitor da Ufba, apertadores de parafuso, como nos filmes de Charlie Chaplin. Mas o que o mundo pede é criatividade e raciocínio para desenvolver sistemas apertadores de parafusos.



Construção de memória permanente

Janio de Freitas

Jornalista

O julgamento que tornou Jair Bolsonaro e outros sete aliados réus no caso da trama golpista é uma evidência que aqueles que hoje estão chegando à vida adulta levarão pela vida a ideia de que no Brasil também militares podem ser levados ao banco dos réus.

A minha geração e as que me precederam não puderam ter essa convicção, que, na verdade, mesmo para os moços ainda está por se confirmar, porque a aceitação da condição de réus não é ainda uma certeza de que se chegou ao nível de países que podem exercer as suas leis integralmente, mesmo contra militares. E a atitude do Congresso a respeito da anistia também ainda está por ser definida. Mas, de qualquer modo, tivemos um avanço de

grande importância para perspectiva de alguma democracia política no Brasil.

61 ANOS DO MERGULHO NO OBSCURANTISMO

Foram 21 anos de violência e arbitrariedade. Isso não é esquecível. É uma pena que não haja instrumentos de memória permanente para que aqueles jovens a que eu me referi tenham mais noção do que foi aquele golpe de 1964 e o que ele trouxe ao Brasil em de desumanidade, atraso institucional e tudo de negativo que possa acontecer, culminando em assassinatos, torturas e desaparecimentos.

Nesse sentido, o papel do filme *Ainda Estou* tem sido muito importante. Foi

uma admirável ideia do Walter Salles transformar o livro do filho de Rubens Paiva, Marcelo Rubens Paiva, em filme. E foi merecedor de um imenso agradecimento a decisão das Fernandas [Torres e Montenegro] - e de outros todos que participaram da construção do filme - de aceitar fazê-lo com coragem, para não deixar nada escondido do que devesse ser dito naquela história e cumprir um dever que todos deveríamos ter em relação ao que foi a ditadura.

** A análise foi feita pelo jornalista no programa Três Pontos, da Rádio Metropole, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

Uma pena que não haja instrumentos de memória permanente para que os jovens tenham mais noção do que foi aquele golpe de 1964

Minha geração e as que me precederam não puderam ter a convicção de que militares podem ser levados ao banco dos réus

ARTIGO



METROPOLE

três pontos

com Mário Kertész, Janio de Freitas, Bob Fernandes e Sérgio Augusto

Todas as quintas ao meio-dia
 Na Rádio e no [Youtube.com/PortalMetro1](https://www.youtube.com/PortalMetro1)
 Reprise as sextas - 19h



Para não esquecer

Texto **Jairo Costa Jr.**

jairo.costa@radiometropole.com.br

Há exatos 61 anos, o Brasil iniciava um dos períodos mais sombrios de sua história. Naquela terça-feira, 31 de março de 1964, os brasileiros assistiam, com um misto de medo e expectativa, o avanço da marcha de homens, armas e tanques sobre o território nacional. A tradição golpista que marcou o país na primeira metade do século passado no país ressurgia em meio ao clima de turbulência política gerada desde a renúncia de Jânio Quadros e a tumultuada posse de João Goulart como novo presidente.

INIMIGO VERMELHO

A desculpa dos militares para tomar o poder na marra tinha como ingrediente principal o temor de que o Brasil se tornasse mais um país comunista na América do Sul. Era efeito direto da Guerra Fria que havia dividido o mundo entre os Estados Unidos e a União Soviética, capitalismo contra comunismo. Com apoio de parte da imprensa, de adversários políticos de João Goulart e da elite empresarial, as Forças Armadas assumiram o controle da nação em apenas 24 horas e sem resistência.

O PODER ACOSTUMA

A promessa foi restaurar a ordem constitucional no Brasil e devolvê-lo em curto prazo para um governo legitimamente eleito. Mas os generais gostaram do poder e usaram tudo que estivesse ao

alcance deles para perpetuar o regime militar que criaram. A lista de arbitrariedades cometidas foi vasta: dissolução do Congresso Nacional, domínio sobre o Supremo, suspensão de liberdades políticas e civis, censura, ameaças, espionagem, repressão, violência, tortura, desaparecimento e morte.

CALAR E BARBARIZAR

Todo o cardápio estava sustentado pelos chamados Atos Institucionais. Em especial, o AI-5, o mais terrível deles, assinado em 1968 pelo então presidente Arthur da Costa e Silva, sucessor de Castello Branco. O AI-5 foi o instrumento usado pelo governo do general Emílio Garrastazu Médici para calar vozes, suprimir direitos e pôr em prática a barbárie que sintetizou os Anos de Chumbo e abriu uma chaga imensa no país. Na contagem oficial, o regime militar iniciado em 1964 deixou um rastro de 434 mortos e desaparecidos, mas é impossível contabilizar o número de pessoas que encararam a tortura nos quartéis e unidades clandestinas da repressão ou foram submetidas à violência psicológica.

RESPIRO DA DEMOCRACIA?

Demoraram 21 anos para que o Brasil se livrasse da tirania militar e começasse a respirar novamente os ares de liberdade, só reconquistada de fato a partir de 1988, quando foi promulgada a Constituição Federal ainda em vigor. Embora a maioria das pessoas tenha achado que golpes

Julgamento que tornou Bolsonaro e sete aliados réus na denúncia da trama golpista prova que democracia ainda corre sérios riscos no Brasil

eram páginas viradas no país, os últimos dois anos deram provas de que sempre existem pessoas, e não são poucas, dispostas a jogar o Estado Democrático de Direito na lata do lixo para reeditar um passado que já se julgava sepultado.

TENTATIVA DE REPLAY

As desculpas para tentar reimplantar uma ditadura militar no país são as mesmas de seis décadas atrás: ameaça comunista, degradação dos valores da tradicional família brasileira, espírito de patriotismo e segue o rosário de hipocrisias e mentiras expostas no mais recente julgamento do Supremo sobre a trama golpista da extrema-direita. Os crimes cometidos por integrantes do alto escalão da República, sintetizados nos atos de 8 de janeiro de 2023, mostraram sem margem de dúvidas que a democracia ainda corre sérios riscos no Brasil. E eles não são pequenos.



2.5 em grande estilo

Fotos **Metropress**

Texto **Luanda Costa**

luanda.costa@radiometropole.com.br

Em 3 de abril de 2000, bem na virada ou no bug do milênio, a [Rádio] Cidade se tornava [Rádio] Metropole. Duas décadas e meia depois, a radi-

na segue com tudo em cima. Se fosse uma pessoa, teria um sorriso largo, uma boa dose de marra e aquele sarcasmo charmoso. Daqueles amigos que já entra em sua casa sem pedir licença, que fala, mas também escuta, que informa, mas também tira boas gargalhadas.



Foto 1: Mário Kertész no estúdio
Foto 2: Primeiras equipes da Rádio Metropole
Foto 3: Aniversário de 13 anos da Rádio no Teatro Eva Herz
Foto 4: Jéssica Senra e Norma Rangel
Foto 5: Lis Grassi, Mário Kertész e Rita Batista no estúdio
Foto 6: Inauguração da nova redação do Grupo Metropole



Foto 7: Aniversário de 24 anos no Teatro Sesc Casa do Comércio
Foto 8: Sebastião Nery e Mário Kertész
Foto 9: Bob Fernandes, Juca Kfourri e Mário Kertés
Foto 10: Mário Kertész de motrepórter
Foto 11: Lara Kertész e Nardele Gomes no estúdio
Foto 12: Dra. Gilda Fucs
Foto 13: Abraão Britto
Foto 14: Presidente Lula nos estúdios da Rádio Metrópole
Foto 15: Chico Kertész no JC
Foto 16: Metrobus fazendo cobertura nas ruas
Foto 17: Maestro João Carlos Sales, Carlinhos Brown e Mário Kertész
Foto 18: Professor Roberto Albergaria

Metropole abre inscrições para programa de bolsa e treinamento em comunicação multimídia

Foca no jornalismo costuma ser aquele repórter que está entrando no mundo da comunicação. Na **Metropole**, vai ser aquele também que compartilha sua vontade de aprender. Isso porque a *radinha* acaba de lançar o **Programa de Bolsas para Estudantes da Área de Comunicação**.

Os candidatos passarão por três etapas de seleção, até a escolha dos quatro novos focas. Eles vão por um treinamento em jornalismo multimídia, dentro da **Metropole**. Terão experiências na rádio, no **Jornal Metropole**, no portal **Metro1** e ainda nas re-

des sociais do grupo, tudo isso presencialmente, direto da redação.

O objetivo é compartilhar do dia a dia frenético e as vivências dos repórteres da **Metropole**. Ao final dos seis meses de acompanhamento, aprendizado e feedback com profissionais, o contrato pode ser renovado.

As inscrições foram abertas nesta segunda-feira e vão até o próximo dia 30 de abril. A primeira etapa de seleção deve ser feita pelo e-mail selecao@radiometropole.com.br, obedecendo à dinâmica.



Aponte a câmera do seu celular e envie as informações e materiais da Etapa 1 para o email selecao@radiometropole.com.br

Etapa 1 Inscrição por e-mail

- Dados pessoais (nome, idade, telefone e endereço)
- Experiências profissionais e acadêmicas (incluindo curso e semestre)
- Experiências de vida
- Breve redação (200 palavras): "Por que quero participar do Programa de Bolsas do Grupo Metropole"

■ Escrever uma nota com até 100 palavras sobre o fato jornalístico a seguir

TRATE AS INFORMAÇÕES A SEGUIR COMO VERDADEIRAS: "Ocorreu uma colisão envolvendo um ônibus na BR-324, no KM 162, às 10h. No acidente, morreram 14 pessoas, 9 delas crianças, todas alunas de escolas públicas de municípios vizinhos. O veículo da Viatur, empresa responsável pelo veículo, não estava com a documentação em dia. Além dos 14 mortos, outras 32 pessoas ficaram feridas e foram encaminhadas para hospitais de cidades da região, como Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana".

■ Gravar o texto desta nota em vídeo - celular, horizontal e enviar.



Etapa 2 Fase prática presencial

- Redação de uma notícia curta (200 palavras)
- Gravação da nota em vídeo (formato stories)
- Reunião de pauta com sugestão de pautas para rádio, jornal e portal.

Etapa 3 Entrevista com selecionadores

Esta será a fase onde serão selecionados os quatro participantes do programa





RITA LAVÍNIA
DAY HOSPITAL

Cuidando da saúde da sua visão!

Há mais de 35 anos atuando na área de saúde, como um centro de referência em oftalmologia. Nossas instalações atendem aos mais exigentes padrões de qualidade.



Acreditada pela ONA





Especialidades

Nosso objetivo é promover a saúde ocular, prevenir a perda da visão e melhorar a qualidade de vida dos nossos pacientes, oferecendo serviços oftalmológicos com qualidade.

- ✓ Oftalmologia Geral e Pediátrica
- ✓ Catarata
- ✓ Córnea
- ✓ Estrabismo
- ✓ Glaucoma
- ✓ Retina
- ✓ Neurooftalmologia
- ✓ Plástica Ocular
- ✓ Endocrinologia e Nutrição



  (71) 2203-4444

 www.ritalaviniadayhospital.com.br

 @ritalaviniadayhospital

 sac@ritalaviniadayhospital.com.br



Uma novela comparada

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

O fato de ser o remake de uma das telenovelas de maior relevância da tele-dramaturgia brasileira já garante a Vale Tudo, de saída, uma audiência gigantesca. A novela, um capítulo dos mais importantes na linha do tempo deste que é um produto cultural fundamental para a formação do imaginário brasileiro, estreou com um apelo jamais visto na história da ficção seriada nacional: expectativa gerada pela comparação entre as duas versões, a de 1988 e a de 2025.

O Brasil era, até o início da segunda metade do século XX, um país majoritariamente rural. Com a industrialização, vieram a urbanização em ritmo acelerado e os fluxos migratórios massivos do interior para as cidades. Por conta da precariedade da formação escolar brasileira, o que se tinha era uma população rural que chegava às cidades sem qualquer experiência de urbanidade, alheia aos códigos de aparência, comportamento e discursos nas metrópoles.

REDE GLOBO E BEIJOS

Nesse cenário, as telenovelas tiveram um papel extremamente significativo na construção dos valores, hábitos e comportamentos da sociedade brasi-

leira a partir dos anos 1970. Elas funcionaram como uma espécie de manual de urbanidade, como vetores de orientação cultural para gerações que praticamente aprendiam com suas personagens a se vestir de novas formas, a usar vocabulários diferentes e até códigos estéticos e morais amorosos.

Há estudiosos da cultura que dizem que gerações inteiras do Ocidente aprenderam a gestualidade do beijo na boca, do ato de fumar e de códigos de sedução com os filmes de Hollywood e a propaganda americana da indústria cultural. Gostemos ou não, a Rede Globo e suas telenovelas, em seus 60 anos, foram para o Brasil o que o cinema de Hollywood foi para o mundo, essencial para a formação do imaginário e da subjetividade. E aqui não se fala de representação legítima ou não, com personagens predominantemente das classes médias e altas do Rio de Janeiro e São Paulo. O fato é que boa parte dos migrantes do interior para as cidades foram esteticamente alfabetizados pela televisão, sem passar pelo livro.

Vale Tudo, nessa linha do tempo, foi uma obra fundamental. Exibida no mesmo ano da Constituição da Nova República, a novela tematizava características

realistas nacionais não abordadas explicitamente por suas antecessoras. Daí tanta gente agora interessada em ver o que parece ser a primeira novela comparada brasileira. Em um país historicamente noveleiro, conseguirão, emissora, autora, diretores e elenco traduzir as diferenças que separam 1988 de 2025?

As telenovelas tiveram um papel extremamente significativo na construção dos valores, hábitos e comportamentos da sociedade brasileira a partir dos anos 1970.



ENTREVISTA

Emiliano José

JORNALISTA E EX-DEPUTADO



vitorramos/metropress

Foram 21 anos de terror com a ditadura militar. Curiosamente hoje discutimos terrorismo no Brasil. O terrorismo foi, na verdade a ditadura. Terrorismo de Estado, com violência. E isso não é metáfora

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Marcelo Semer

DESEMBARGADOR DO TJ-SP



gustavo bezerra/camara dos deputados

O julgamento que tornou Bolsonaro réu foi o maior que já vivemos, pela gravidade do fato, pela importância e repercussão. Afinal, foi por um triz não terem jogado a democracia no lixo

Três Pontos

ENTREVISTAS



METROPOLE

ENTREVISTA

Rui Costa

MINISTRO DA CASA CIVIL



samantha lette/metropress

Os economistas diziam ou dizem que o Brasil sempre dá voos de galinha, cresce num ano e já não cresce no seguinte. Mas estamos comemorando 2 anos seguidos de crescimento acima de 3%. Isso significa geração de emprego

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Paulo Nogueira Batista Jr.

ECONOMISTA E EX-DIRETOR-EXECUTIVO NO FMI



vitorramos/metropress

O Brasil assume a presidência do BRICS, e isso representa oportunidade. [...] Embora Trump tenha suas atitudes contraditórias, o enfraquecimento da liderança ocidental pode abrir espaço para o Brasil ser uma voz mais forte

Jornal da Bahia no Ar

Rebelião sobre duas rodas

Sem reajuste nos valores das corridas há três anos e em protesto por melhores condições de trabalho, motoentregadores de Salvador e de todo o país cruzam os guidões e mostram o que é um fim de semana sem delivery

Texto **Ismael Encarnação**
ismael.encarnacao@metro1.com.br

Não foi por capricho e muito menos por pirraça, mas foi em busca de sobrevivência na profissão que motoentregadores de Salvador e de todo o país decidiram cruzar os braços. Ou melhor, os guidões. Nos dias 29 e 30 de março, a capital baiana foi palco de uma paralisação da categoria em busca de condições dignas de trabalho. O resultado foi um fim de semana sem delivery. O suficiente para que a clientela sentisse falta da tropa de entregadores sob duas rodas.

O foco da mobilização é o aumento da taxa mínima de entrega dos atuais R\$ 6,50 para R\$ 10,00 e do valor por quilômetro rodado de R\$ 1,50 para R\$ 2,50. Hoje, esses trabalhadores rodam quilômetros por um pagamento congelado há três anos, enquanto o custo com gasolina, peças de reposição e da própria segurança só cres-

ce. Em meio às críticas sobre as condições oferecidas ao motoentregadores, as plataformas que dominam o segmento preferem chamar isso de “modelo de negócio”.

SUBORDINAÇÃO DISFARÇADA

Nesse tal modelo, o entregador arca com tudo: gasolina, manutenção, seguro contra roubos, plano de internet e, claro, a própria alimentação. Tudo isso enquanto trabalha jornadas extenuantes de até 16 horas por dia. O discurso vende autonomia, mas na prática é subordinação disfarçada.

PLATAFORMA DA EXPLORAÇÃO

“O povo precisa entender que estamos sendo explorados”, desabafa André Freire, vice-presidente da Associação dos Motoentregadores de Salvador. Ao mesmo tempo, os aplicativos impõem regras que

reduzem ainda mais os ganhos, como o sistema de entrega agrupada, que faz com que o motoentregador percorra duas, três ou mais rotas pelo valor de uma. Sim, enquanto o cliente paga por cada entrega, a plataforma embolsa a diferença.

O modelo atual de trabalho por aplicativo vende uma ideia de independência, mas opera em um esquema de controle disfarçado. O verdadeiro autônomo escolhe seus preços e horários sem medo de punições. O motoentregador, por outro lado, precisa aceitar as regras impostas por uma plataforma, que o vê apenas como mais um número no sistema.

À PRÓPRIA SORTE

A segurança é outro ponto sensível. Motoentregadores aparecem frequentemente na lista de profissionais vulneráveis a assaltos. Fora, óbvio, os acidentes comuns no dia-dia. E tudo isso sem qualquer garantia, proteção ou respaldo por parte das empresas. Se sofrem uma colisão ou queda, muitas vezes dependem da solidariedade dos colegas e de vaquinhas online para pagar hospital e remédios.

As manifestações realizadas em Salvador e em outras cidades do país mostram que os motoentregadores começam a enxergar o jogo em que estão inseridos. Esses trabalhadores não parecem lutar por privilégios, e sim pelo mínimo necessário: remuneração justa e respeito a quem, literalmente, carrega a cidade nas costas e na garupa.



rovena rosa/agencia brasil



Planos de Saúde Empresariais

Priorizar a saúde dos seus colaboradores é investir no sucesso e no futuro da sua empresa.

Com os Planos de Saúde Empresariais Promédica, você conta com mais de 50 anos de experiência, com 4 hospitais próprios, 8 centros médicos, rede de laboratórios Datalab e rede credenciada.

Tudo isso com a administração aqui na Bahia, ao seu lado.

Para mais informações, ligue:
(71) 3271-9115.

Promédica 
Muito Mais Saúde



1º de abril: o foco virou eu

James Martins

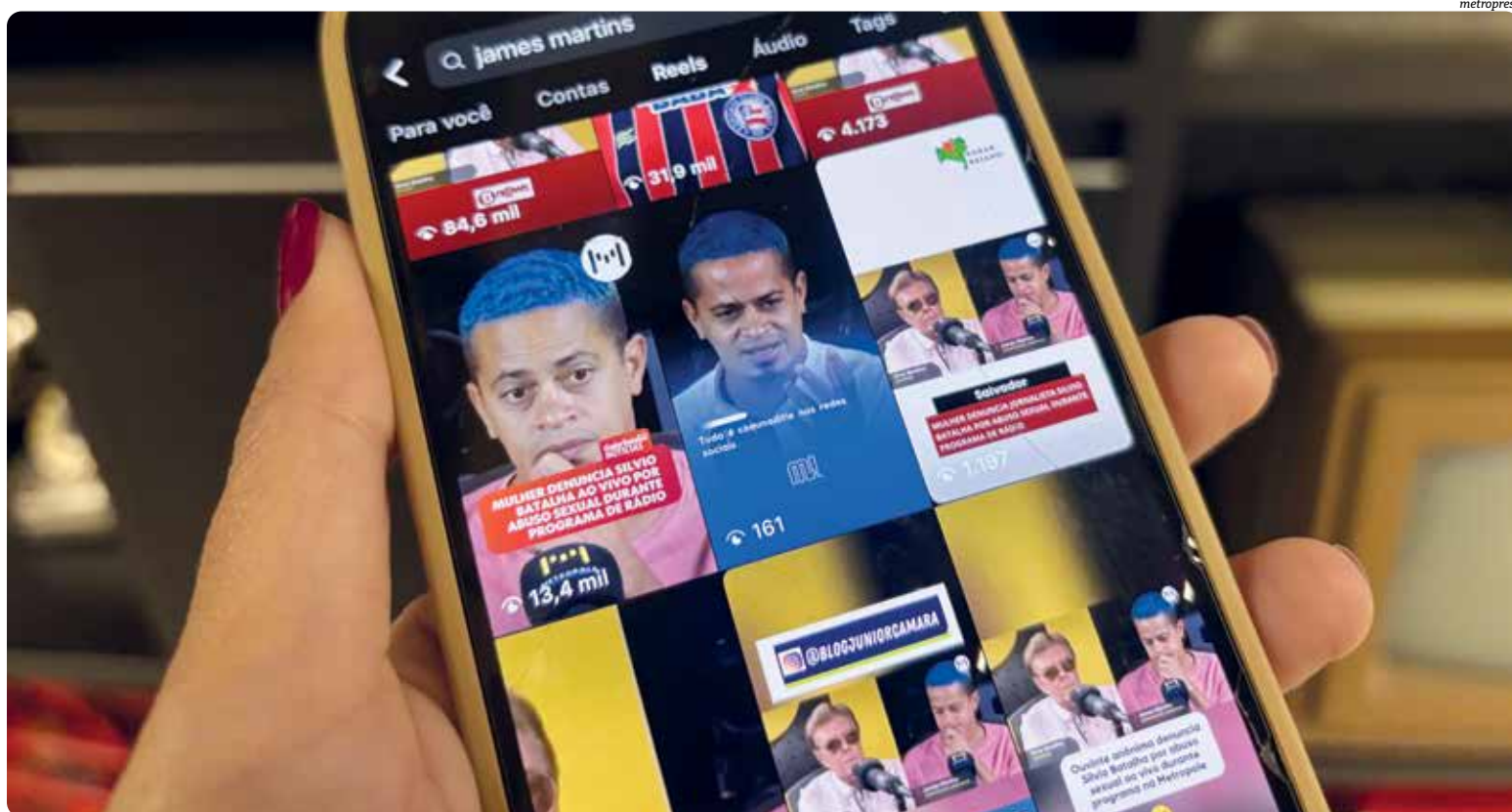
Ainda bem que perfis do Instagram sempre sabem o que fazer e estão preparados para tudo. Eles dizem. Pois, se dependesse de uma pessoa real como eu, cheia de defeitos ao vivo e a cores, o mundo certamente estaria ruim. Perfis de Instagram e colunistas caça-cliques de jornal. Dupla perfeita. Eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil, eu confesso que fiquei assustado, paralisado mesmo quando, durante uma entrevista comum e até frívola, na **Rádio Metropole**, atendi à ligação de uma ouvinte anônima que denunciava ter sido estuprada, na infância, pelo entrevistado (que eu não conhecia, assim como à maioria dos entrevistados) na minha frente. Busquei esfriar a cabeça e conduzir da forma como manda a lei, sem antecipar juízos sobre algo, repito, tão sério e grave, o que poderia, inclusive, incorrer em processo criminal contra mim, que não tinha entrado na história.

Mas, não adiantou: virei personagem. E, a julgar por alguns comentários que li, quase cúmplice do acusado de verdade. Aliás, em certa medida, viraram o foco

dele para mim. Talvez seja uma nova forma de fazer justiça às vítimas. O texto da colunista do *Correio**, nem li, só a manchete. E, na verdade, me ponho a salvo de acompanhar tretas na internet, pelo bem de minha saúde mental. Sei que tudo sempre parece movido pelos melhores sentimentos (e que parte da comoção é real), mas há também um forte componente mórbido, sanguinário e irracional, que Freud descreveu quando ainda era estagiário. O outro componente é a pura simples vontade de lacrar, ganhar likes, engajar e vender anúncio com a desgraça alheia.

Por fim, recebi mensagens de pessoas lúcidas e compreensivas da situação difícil em que me vi involuntariamente. E recebi uma mensagem da própria pessoa que fez a denúncia, também compreensiva, considerando injustos os julgamentos sobre mim e afirmando não ter se sentido “desacolhida”. Não bastasse a minha consciência, o depoimento dela me valeu. Conversamos com generosidade e sinceridade e seguro a sua mão, pois sei que dói.

Virei personagem. E, a julgar por alguns comentários que li, quase cúmplice do acusado de verdade. Aliás, em certa medida, viraram o foco dele para mim. Talvez seja uma nova forma de fazer justiça às vítimas



Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Imposto de renda, eu te amo! Pronto. Já fiz minha declaração.

Só os loucos sabem

São as dívidas de março fechando o verão.

Boto Cor-de-rosa

Quem já foi exaltado, por favor, sair da frente. Ainda tem muita gente sendo humilhada aqui atrás.

Pedro Bial

Pior parte de começar um emprego novo: voltar a ser burro.

Ritinha

Mestre, eu preciso de um... ou dois... talvez três... quem sabe quatro... mestre, eu preciso de muitos milagres.

Evandro

Quatro pilares sustentam o relacionamento moderno:

- Amor
- Respeito
- Fofoca
- Air fryer

Os dois primeiros são facultativos.

Fausto Silva

Preliminar de míope é tirar os óculos.

Guto

Desde quando normalizaram Mônica, formanda de medicina, namorar um menino de 16 anos, Eduardo, que faz cursinho de inglês?

Rolinho

Ainda bem que Deus não dá uma cruz mais pesada do que a gente pode carregar porque, se a que eu posso carregar já não tô aguentando, imagine a outra.

Lacerda

Acho engraçado que as vozes da nossa cabeça nunca mandam a gente beber uma água, fazer um exercício, uma faxina...

Buçanha

Ser adulto é tipo:
9h - vou mudar de vida
15h - porém não hoje.

Filho de Jack

Tudo caminhando pra eu infartar antes dos 40.



MAIS QUE UMA CIDADE QUE É, **SALVADOR** É UMA CIDADE QUE **São**

Minha capital nasceu como São Salvador da Bahia. Porque, desde o início, já sabíamos que você seria uma cidade plural, diversa. Mais que uma cidade que é, Salvador é uma cidade que são. Cidade alta e baixa, oceano e baía, tradição e modernidade, cultura e gastronomia, passado e futuro, festas e muito trabalho, pessoas pretas e brancas, indígenas e mestiças, lugar onde cabem todas as misturas. Por isso são tantos investimentos na segurança, na infraestrutura hídrica e no saneamento:

- › Nova sede da 37ª Companhia Independente da Polícia Militar.
- › Nova embarcação e um novo reboque para o 13º Batalhão de Bombeiros Militares – Amaralina.
- › 64 novas viaturas para a Polícia Militar.
- › 1ª etapa das obras de melhorias e ampliação de Pedra do Cavalo.
- › Vêm aí 2ª etapa de obras de melhorias e ampliação de Pedra do Cavalo.
- › Vem aí ampliação do Sistema de Esgotamento Sanitário – Bacias Trobogy, Cambunas e Águas Claras.
- › Vem aí Estação Elevatória da Barragem do Rio Joanes I.
- › Vem aí revisão do projeto básico do Sistema Integrado de Abastecimento de Água.
- › Nova adutora de água e requalificação da orla de Pituçu.
- › Requalificação do Sistema de Esgotamento Sanitário da localidade Golfo Pérsico.
- › Adensamento do Sistema de Esgotamento Sanitário de Salvador.

O Governo do Estado presente trabalhando.

VIVA SÃO
SALVADOR
476 ANOS

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE